

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

MAJ INF STENIO DA SILVA RIBEIRO

**AS AÇÕES ESTRATÉGICAS RUSSAS NO SEU ENTORNO
ESTRATÉGICOS, A PARTIR DO SÉCULO XXI, QUE
CONTRIBUÍRAM PARA A INFLUÊNCIA DO PAÍS NA REGIÃO
EURASIÁTICA.**



Rio de Janeiro

2023

STENIO DA SILVA RIBEIRO

AS AÇÕES ESTRATÉGICAS RUSSAS NO SEU ENTORNO ESTRATÉGICOS, A PARTIR DO SÉCULO XXI, QUE CONTRIBUÍRAM PARA A INFLUÊNCIA DO PAÍS NA REGIÃO EURASIÁTICA.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO À ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE ESPECIALISTA EM CIÊNCIAS MILITARES, COM ÊNFASE EM DEFESA NACIONAL.

Orientador: TC Orlando Mattos Sparta de Souza

Rio de Janeiro

2023

R484a Ribeiro, Stenio da Silva

As ações estratégicas Russas no seu entorno estratégico, a partir do século XXI, que contribuíram para a influência do país na região Eurasiática. / Stenio da Silva Ribeiro. - 2023.

48 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Orlando Mattos Sparta de Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2023.

Bibliografia: f. 44-48

1. Ações estratégicas. 2. Russas. 3. Influência. 4. Eurasiática. I. Título.

CDD 355.4

STENIO DA SILVA RIBEIRO

AS AÇÕES ESTRATÉGICAS RUSSAS NO SEU ENTORNO ESTRATÉGICOS, A PARTIR DO SÉCULO XXI, QUE CONTRIBUÍRAM PARA A INFLUÊNCIA DO PAÍS NA REGIÃO EURASIÁTICA.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO À ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE ESPECIALISTA EM CIÊNCIAS MILITARES, COM ÊNFASE EM DEFESA NACIONAL.

Rio de Janeiro, __ de _____ de 2023

COMISSÃO AVALIADORA

ORLANDO MATTOS SPARTA DE SOUZA - TC Inf - Presidente
Escola de Comando e Estado Maior do Exército

JAIRO LUIZ FREMDLING FARIAS JÚNIOR - Maj Inf - Membro
Escola de Comando e Estado Maior do Exército

DAN MILLI PEREIRA - Maj Eng - Membro
Escola de Comando e Estado Maior do Exército

Dedico este trabalho à Deus, à minha família e aos meus pais que sempre me incentivaram.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus Eterno e todo Poderoso, criador do Céu e da Terra, por me capacitar a ingressar em um curso altamente disputado. Por me sustentar em todos os momentos durante o curso.

À minha família por ser meu sustentáculo e me motivar a trabalhar todos os dias, na alegria dos momentos felizes e na superação de momentos difíceis.

Ao meu orientador TC Orlando Mattos Sparta de Souza pelas observações seguras e objetivas que sempre buscaram a melhoria deste trabalho.

“E então, você é europeu ou asiático?”

“Nem uma coisa nem outra... Sou russo.” (Tim Marshall)

RESUMO

O presente trabalho abordará as ações russas mais importantes que contribuíram para a influência do país na região Eurasiática.

A desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a partir da década de 1990, apresentou uma realidade geopolítica completamente diferente para a Rússia quanto a projeção de poder e áreas de influência. Enfraquecida, a Rússia comprometeu negativamente a sua capacidade de exercer liderança regional. Esse fato impeliu o movimento de outros atores com destaque mundial, como os Estados Unidos da América (EUA) e a República Popular da China (RPC), com capacidade de influir no entorno estratégico russo. Diante dessa situação, a partir do ano de 2001, o estado russo procurou imprimir ações nos diversos campos do poder com o objetivo de restabelecer seu prestígio mundial e sua influência na Eurásia. O surgimento de Vladimir Putin no cenário político interno da Rússia, no início do século XXI, provocou diversas mudanças que impactaram às relações com grandes potências e com países adjacentes ao território russo.

Nesse sentido, serão analisadas as principais ações russas que impactaram na influência do país na região, o poder nacional russo e as teorias geopolíticas evidenciadas nas ações da Rússia.

Assim, o presente trabalho poderá contribuir para um melhor entendimento do pensamento do estado russo e como este lida com outros atores ao seu redor.

Palavras-chave: Rússia; ações estratégicas, geopolítica, influência.

RESUMEN

El presente trabajo abordará las acciones rusas más importantes que contribuyeron para la influencia del país en la región Euroasiática. La desintegración de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a partir de la década de 1990, presentó una realidad geopolítica completamente diferente para Rusia en cuanto a la proyección de poder y áreas de influencia. Debilitada, Rusia comprometió negativamente su capacidad de ejercer liderazgo regional, lo que impidió el movimiento de otros actores con destaque mundial, como los Estados Unidos de América (EUA) y la República Popular de China (RPC), con capacidad de influir en el entorno estratégico ruso. Frente a esta situación, a partir del año 2001, el estado ruso procuró aplicar acciones en los diversos campos del poder con el objetivo de reestablecer su prestigio mundial y su influencia en Euroasia. El surgimiento de Vladimir Putin en el escenario político interno de Rusia, en el inicio del siglo XXI, provocó diversos cambios que impactaron las relaciones con grandes potencias y con países adyacentes al territorio ruso. En ese sentido, serán analizadas las principales acciones rusas que impactaron en la influencia del país en la región, el poder nacional ruso y las teorías geopolíticas evidenciadas en las acciones de Rusia. Así, el presente trabajo podrá contribuir para un mejor entendimiento del pensamiento del estado ruso y como éste lidia con otros actores a su alrededor.

Keywords: Rusia; acciones estratégicas, geopolítica, influencia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — A Área Pivô de Mackinder (1904)	21
Figura 2 — O mundo segundo a Teoria do Rimland, de Nicholas Spykman.	23
Figura 3 — Entorno estratégico russo	25
Figura 4 — Áreas conflituosas na Georgia	30
Figura 5 — Criméia	31
Figura 6 — Lugansk e Donetsk	33
Figura 7 — Fases da Guerra Rússia x Ucrânia	35
Figura 8 — Nord Stream 1 e 2	38
Figura 9 — EEU	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OCX	Organização de Cooperação de Xangai
ARE	Agência Russa de Energia
CEI	Comunidade dos Estados Independentes
EUA	Estados Unidos das Américas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
OTASE	Organização do Tratado do Sudeste Asiático
OTSC	Organização do Tratado de Segurança Coletiva
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEE	União Econômica Eurasiática
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
ONG	Organizações Não Governamentais
SUFGR	Sistema Unificado de Fornecimento de Gás Russo
ARE	Agência Russa de Energia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	METODOLOGIA	18
2.1	TIPO DE PESQUISA.....	18
3	REFERENCIAL TEÓRICO	19
3.1	RATZEL - O PRECURSOR.....	19
3.2	TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS	20
3.2.1	Teoria do Poder Terrestre	20
3.2.2	Teoria das Fímbrias	22
3.2.3	O ENTORNO ESTRATÉGICO RUSSO	24
3.3	AS AÇÕES ESTRATÉGICAS RUSSAS NOS CAMPOS POLÍTICO E MILITAR	25
3.4	AS AÇÕES ESTRATÉGICAS RUSSAS NOS CAMPOS ECONÔMICO	36
4	CONCLUSÃO	41
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

O embrião da atual Rússia foi fundado e dirigido por uma classe nobre de guerreiros vikings e por seus descendentes — o primeiro estado eslavo, o Principado de Kiev, que surgiu no século IX e adotou o cristianismo ortodoxo do Império Bizantino em 988. A partir daí, houve o início da síntese das culturas bizantina e eslava, o que acabou por definir a cultura russa. O principado finalmente se desintegrou, e suas terras foram divididas em vários pequenos estados feudais (Angelo Segrillo, 2015).

A Rússia nascente realocou-se então a nordeste, na cidade de Moscou e em torno dela. Essa Rússia primitiva, conhecida como Grande Principado de Moscou, era indefensável. Não havia montanhas nem desertos, e poucos rios. Em todas as direções estendia-se o terreno plano, e em toda a estepe ao sul e a leste estavam os mongóis. O invasor podia avançar no lugar de sua escolha, e havia poucas posições defensivas naturais para ocupar (MARSHALL, 2018).

Surgiu, então, o núcleo do que viria a ser o Império Russo. Muito do ordenamento político, militar e social, segundo alguns historiadores, advém do período de domínio mongol, principalmente, a centralização do poder. Tal característica auxiliou na expansão do Principado da Moscóvia, reunindo as terras dos antigos Khanatos¹ mongóis, em um processo que permeou os séculos XIV, XV e XVI, culminando com a fundação do Czarado da Rússia, no século XVI, por IvanIV, o Terrível. (BELMONTE, 2016).

Ivan IV inicia a construção do Império Russo ao conquistar novos territórios. Com a conquista dos canados (reinos mongóis) de Kazan (1552) e Astrakhan (1556), ele passa a dominar o rio Volga. A conquista do canado de Kazan é geralmente considerada o início da construção do Império Russo, pois marca a primeira expansão de Moscou para além dos territórios tradicionalmente eslavos. No século XVIII houve a expansão para o leste, na Sibéria, e até o rio Dniepre (SEGRILLO, 2013).

No século XVIII, a Rússia – sob Pedro o Grande, que fundou o Império Russo em 1721, e depois sob a imperatriz Catarina a Grande – voltou-se para o oeste, expandindo o império a fim de se tornar uma das grandes potências da Europa, impulsionada sobretudo pelo comércio e o nacionalismo. Uma Rússia mais segura e

¹Semelhantes a principados - onde o “khan” era uma espécie de senhor feudal, sujeitos a tributos obrigatórios pesadíssimos pelos mongóis.

poderosa foi capaz então de ocupar a Ucrânia e chegar aos Cárpatos. Ela se apoderou da maior parte do que conhecemos hoje como países bálticos – Lituânia, Letônia e Estônia. Assim, estava protegida de qualquer incursão por terra nesse caminho ou a partir do mar Báltico (MARSHALL, 2018).

Dentre os diversos episódios que marcaram o período imperial, destacaram-se a tentativa de invasão napoleônica à Rússia, a fundação de cidades como São Petersburgo, grande entreposto comercial entre o oriente e o ocidente, expansão em busca de saída para o mar, seja pelo Mediterrâneo, seja pelo Índico, já indicando a vocação expansionista pautada pela geografia Russa, como sendo, segundo Halford J. Mackinder, o território russo parte do “Heartland” do planeta, e demarcando o espírito eurasiático do povo russo. Isso ficou muito claro no período da Primeira Guerra Mundial, no qual o Império Russo ficou dividido entre as ações bélicas do lado ocidental, em favor da Tríplice Entente, e as ações de contenção contra a invasão japonesa e seus reflexos, anos antes, no extremo leste (BELMONTE, 2016).

Durante o reinado do czar Nicolau II, o descontentamento popular e o enfraquecimento político, econômico e militar, decorridos de inúmeras ações simultâneas e derrotas, principalmente, contra os japoneses, fizeram surgir grupos político-ideológicos baseados nas teorias de Marx e Engel que, após uma conspiração orquestrada para insuflar as massas e causar uma luta armada do proletariado, conseguiram derrubar o czar Nicolau II, no que ficou conhecido como a Revolução Bolchevista de 1917, dando fim ao Império Russo (BELMONTE, 2016).

Com o advento do novo modelo político, implantou-se o comunismo na Rússia e, em 1921, surgiu a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) com o mesmo espírito expansionista do Império Russo, todavia, com outro viés, aglomerando novas repúblicas oriundas dos antigos “khanatos” e que faziam parte da zona de influência eurasiática soviética. Com a subida de Joseph Stálin ao poder, a ideia de se expandir o comunismo rapidamente para o mundo perdeu velocidade. Stálin aumentou o poder de domínio sobre a população, fortalecendo a URSS em seus territórios. A consequência desse fechamento foi a execução de medidas de contenção do governo soviético sobre suas áreas de interesse, fazendo surgir a “Cortina de Ferro” (BELMONTE, 2016).

O paradoxo da situação da URSS nos anos 1960 e 1970 (apogeu simultaneamente com sinais de estagnação ou declínio) se refletia também em sua

posição no panorama internacional. Nunca o país esteve tão forte. Passadas as décadas iniciais difíceis da industrialização e depois o martírio da Segunda Guerra Mundial, a URSS era um dos dois únicos países a alcançar o status de superpotência. Apenas os EUA podiam rivalizar com ela. Sua força nuclear poderia destruir qualquer inimigo sobre a terra. Com o final da Segunda Guerra Mundial, a URSS não estava mais isolada: um terço da humanidade se encontrava sob regimes socialistas por volta da década de 1970 (SEGRILLO, 2013).

Durante os anos de 1980 uma crise econômica profunda se soma a uma crise política dentro da União Soviética e aproxima o país do colapso. Na verdade, uma soma de várias causas leva ao fim da União Soviética: as questões econômicas, a crise política e o ressurgimento das questões étnicas e nacionalistas são algumas delas (SEGRILLO, 2013).

Tem início assim o acelerado movimento de desmoronamento dos pilares do socialismo soviético com a queda do muro de Berlim em 1989 e dos governos socialistas dos países que gravitavam na sua órbita de influência, culminando em 1991 com a dissolução da União Soviética. A antiga Rússia perde desse modo o controle e a influência não apenas nos países das suas regiões circunvizinhas (as ex-Repúblicas Socialistas tornam-se independentes), bem como de toda a Europa Centro-Oriental e dos Balcãs, processo no qual foi emblemática a absorção da Alemanha Oriental pela Alemanha Federal (COSTA, 2015).

Quando a União Soviética se desintegrou, dividiu-se em quinze países. A geografia cobrou sua vingança da ideologia soviética, e apareceu no mapa uma imagem mais lógica, em que montanhas, rios, lagos e mares delineiam os lugares onde as pessoas vivem, são separadas umas das outras e desenvolvem diferentes línguas e costumes. As exceções a essa regra são os “istões”, como o Tadjiquistão, cujas fronteiras foram deliberadamente traçadas por Stálin de modo a enfraquecer cada Estado, assegurando que em cada qual houvesse minorias de povos provenientes de outros Estados (MARSHALL, 2018).

A nova realidade geopolítica mundial foi marcada pela hegemonia americana e pelo posterior declínio do Estado russo. A extinção do grande império sentenciou ao fracasso tudo no qual os russos confiavam ao longo de muitos séculos, o que constituiu o processo de transmutação na realidade histórica e de percepção do mundo. O sentimento de inferioridade, conflitante com os seus princípios seculares,

levou-os a procurar os melhores mecanismos para reconstruir o seu império e enfrentar as dificuldades (Marcu 2007, p.1).

A partir de 2000 com o pano de fundo de Dmitri Medvedev e Vladimir Putin, Moscou reafirmou seus intentos como superpotência, acarretando diversas tensões em um sistema internacional em profundas transformações (MARCUS, 2007).

A Rússia vem utilizando sua capacidade de projetar poder para buscar a reconquista de seu protagonismo e influência no âmbito do sistema internacional. Considerando o conturbado histórico de conflitos regionais e globais que acompanharam a ação do Império Russo e da União Soviética, é de se esperar que o fortalecimento do nacionalismo na Federação da Rússia, capitaneado por seu atual Presidente, Vladimir Putin, provoque temores nos seus vizinhos europeus e nos Estados Unidos da América (EUA). Tais temores provocam ações e reações de parte a parte, levando a uma espiral ascendente de tensões geopolíticas, fazendo ressurgir o clima que caracterizou a ordem internacional no período da guerra fria, agora num contexto de um mundo multipolar (COUTINHO, 2019).

A diminuição de sua capacidade de liderança geopolítica mundial se acentua diante do fracasso da intenção de manter unidos os Estados da ex-União das repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a partir da organização da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Foi observando a dissidência dos Estados do Báltico, que se alinharam rapidamente à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Após o colapso soviético, a Rússia precisou se reposicionar no sistema internacional. Seus antigos aliados no Leste Europeu caíram sob o domínio da OTAN. Herdeira do aparato militar da antiga URSS e detentora ainda do maior território do planeta, a Rússia viveu de 1991 a 1998 numa espécie de “vácuo geopolítico”, onde não tinha ao certo uma orientação ideológica e/ou geoestratégica definida (SOUZA, 2012, p.2).

Assim, a partir do início do século XXI diversas ações foram impetradas pela federação Russa, utilizando seu Poder Nacional, para retomada da sua influência na região do leste europeu e nas áreas onde historicamente se desenvolveu o seu poderio.

Sendo assim, o presente trabalho de conclusão de curso será desenvolvido em torno do seguinte problema: De que maneira, as ações russas, no seu entorno estratégico, contribuiram para aumentar a influência do país na região Euroasiática?

Essa seção apresenta o objetivo geral e os objetivos específicos do presente trabalho. O primeiro é o resultado a alcançar ao término da pesquisa. Os demais correspondem às metas a serem atingidas para se chegar ao objetivo geral.

A presente pesquisa tem por objetivo geral analisar as ações estratégica do Estado Russo no seu entorno estratégico, a partir de 2001, que contribuíram para a influência do país na região Euroasiática, com base nas teorias da geopolítica clássica de Mackinder e Spykman.

Com a finalidade de delimitar e alcançar o desfecho esperado para o objetivo geral, foram levantados os seguintes objetivos específicos:

a) conceituar as teorias geopolítica de Mackinder e Spykman e definir o entorno estratégico russo.

b) apresentar as ações estratégicas russas nos Campos político e militar.

c) apresentar as ações estratégicas russas nos Campos econômico.

A fim de permitir uma abordagem clara, exequível, com profundidade adequada e coerente com a proposta deste trabalho acadêmico, é relevante apresentar o recorte temporal e espacial do presente estudo. Quanto ao espaço geográfico, o presente estudo estará limitado ao entorno estratégico russo, enfatizando as ações que a Rússia vem realizando com o objetivo de retomar a sua influência e seu poderio regional. No que diz respeito a limitação do tempo, esse estudo buscará estudar as ações estratégicas adotadas pelo governo russo, na expressão política, militar e econômico, a partir do ano de 2001, quando da atuação de Vladimir Putin.

O início do século 21 apresentou um cenário geopolítico mundial, com a Rússia emergindo como um ator global mais assertivo. O país passou por uma transformação política e econômica após o colapso da União Soviética e buscou consolidar sua posição como uma potência regional e mundial. A Rússia sob a liderança de Vladimir Putin adotou uma postura mais efetiva em suas políticas externas, buscando proteger seus interesses estratégicos e ampliar sua influência em várias regiões do mundo, como na Europa Oriental e Ásia Central.

As ações russas têm implicações significativas para a ordem mundial e para as relações internacionais, incluindo questões como a soberania, a segurança regional e global, a governança global e a estabilidade geopolítica.

Dessa forma, espera-se que a contribuição deste tema seja no sentido de fornecer mais dados e literatura acerca das ações que a Rússia implementou, a partir

de 2001 que repercutiram no seu entorno estratégico, impactando sua influência regional.

2 METODOLOGIA

Esta seção tem por finalidade apresentar a metodologia que será utilizada para desenvolver o trabalho, evidenciando-se os seguintes tópicos: tipo de pesquisa, coleta de dados, tratamento de dados e limitações do método.

2.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.

Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (FREITAS, 2013).

Quanto à abordagem, a pesquisa será qualitativa, visto que requer procura de fontes de informações mais profundas, cuja seleção contempla a subjetividade, mas que permitam elucidar aspectos inerentes às principais ações da Rússia no seu entorno estratégico.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para fins de fundamentação do trabalho que envolve uma gama de pensadores e teóricos, serão abordados pressupostos de Ratzel, importantes para entender o pensamento geopolítico russo, as teorias clássicas de Mackinder e Spykman, e definir o entorno estratégico da Rússia. Essa fundamentação proporcionará entendimento acerca das ações estratégicas russas no seu entorno.

3.1 RATZEL - O PRECURSOR

Historicamente, a humanidade, desde os seus primórdios, teve para o solo, mar e para o ar (estrutura geográfica) diferentes e distintos significados e importância, nos mais variados locais em que se encontravam. Assim, surgiram interesses também diversos e distintos, que muitas vezes eram antagônicos e conflitantes, levando os Estados a utilizarem da força para defesa de seus respectivos interesses. A fim de analisar a correlação dessas forças no âmbito territorial, com ênfase no espaço mundial em que os Estados ocupavam e atuavam, surgiram diversas teorias geopolíticas, onde podemos destacar as clássicas – que foram, em geral, explicações acerca da importância estratégica de determinados territórios, da necessidade de expansão territorial ou controle de espaços, compreendendo rotas marítimas ou áreas geoestratégicas, tudo como forma de fortalecimento do Estado e de aquisição de hegemonia (ASSIS, 2008).

A Geopolítica vai surgir, realmente, com Friedrich Ratzel, considerado por isso um dos verdadeiros precursores da ciência. Nascido em 30 de agosto de 1844, em Karlsruhe, na Alemanha, veio a falecer em 9 de agosto de 1904, aos 60 anos, na cidade de Ammerland, também na Alemanha (MAFRA, 2023).

Segundo Friederich Ratzel, ao estudar o homem e o espaço, fazia-se necessário compreender as relações políticas que os cercavam. Desta forma, a Geopolítica ficou conhecida como fruto da relação existente entre a política e a geografia, enquanto a geoestratégia seria o vínculo entre a geografia e a estratégia, as ciências que estudariam a luta pelo espaço territorial. Ratzel também argumentava

que o Estado era como um organismo vivo, que vive, prospera, decai e morre, e que o futuro político de cada um dependia de seu espaço e, principalmente, da sua posição geográfica, que condicionaria as relações entre os demais (ROSA, 2022).

Território, para Ratzel, representava as condições de trabalho e de existência de uma sociedade. A perda de território seria a maior prova de decadência da mesma. Para esse geógrafo, o progresso implicaria na necessidade de aumentar o território, de conquistar novas áreas, cabendo ao Estado ser o agente impulsionador desse progresso. Tratava-se do expansionismo. O imperativo da conquista territorial é explicado por Ratzel pelas idéias de Malthus, de que o crescimento populacional e as necessidades de subsistência trariam a necessidade de aumento territorial. Este acréscimo seria o "espaço vital", pretexto para o expansionismo alemão, que teria justificativa em toda a "Geopolitik" (Escola Alemã). A conquista territorial atenderia, também, às necessidades de aumento de saídas marítimas, bem como de fortalecimento dos laços entre os povos e minorias de sangue germânico (pan-germanismo). A ligação do Estado ao solo (Geografia), conduzia à ideia de "determinismo" (ou "Fatalismo Geográfico") e o conseqüente imobilismo, pela falta de reação às imposições da Geografia (MAFRA, 2023).

3.2 TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS

3.2.1 Teoria do Poder Terrestre

Halford John Mackinder foi um notório geógrafo inglês, considerado um dos principais teóricos do campo da Geopolítica, apesar de nunca ter utilizado o termo. O estrategista britânico possuía conhecimentos sólidos em geografia, história e política, e destacou-se pela sua busca em explicar os acontecimentos políticos internacionais, ganhando forte peso na disciplina de tal forma que não se pode mais falar de geopolítica sem citar suas notórias obras (ROSA, 2022).

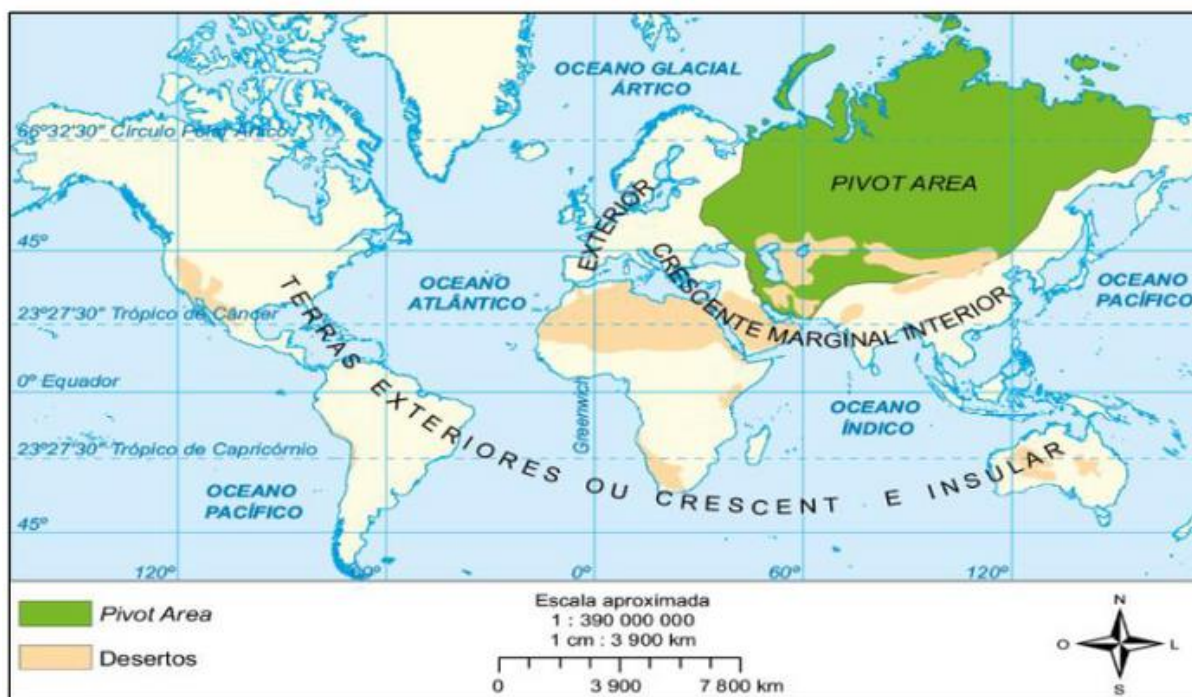
No seu notável trabalho "O pivô geográfico da História" (1904), caracteriza-se como área pivô uma área básica central, que ficaria dentro da "Ilha Mundial" (World Island), localizada em parte da Europa e parte da Ásia. E na região central dessa área pivô ficaria o Heartland, ou seja, a terra-coração (onde a Rússia é a maior parte), que

concentrava o poder geoestratégico do mundo – correspondente à Europa Oriental de hoje (ASSIS, 2008).

O ponto principal de seu postulado foi de centrar suas ideias, dizendo que: “Quem governar a Europa Oriental comandará o Heartland; quem governar o Heartland comandará a ilha do Mundo. Quem governar a ilha do Mundo comandará o Mundo” (PEREIRA, 2017).

A Área Pivot ou o Heartland é a região que corresponde mais ou menos ao gigantesco território russo, o que seria o núcleo do continente eurasiático. Esta região pode possibilitar uma economia autárquica e um invencível poder terrestre. As características que dão a primazia desta região sobre outras são três: a extensão (1) e a topografia plana (2) e o isolamento (3) do mundo exterior. Tais fatores, se essa região se tornasse anfíbia, ou seja, não se restringisse ao aperfeiçoamento do combate terrestre, a possibilitariam tornar-se a de maior poder do mundo (MANTOVANI, 2011)

Figura 1 — A Área Pivô de Mackinder (1904)



Fonte: Freitas e Paz (2022).

As concepções teóricas de Mackinder são consideradas o grande marco teórico da geopolítica clássica e a grande formuladora da teoria geopolítica e geoestratégica

do poder terrestre e, por assim ser, firmou-se como o caminho e o embasamento teórico para a hegemonia do poder terrestre. Constituem poderosa ferramenta de análise da política do poder dos Estados, que compõem um complexo sistema internacional (ASSIS, 2008).

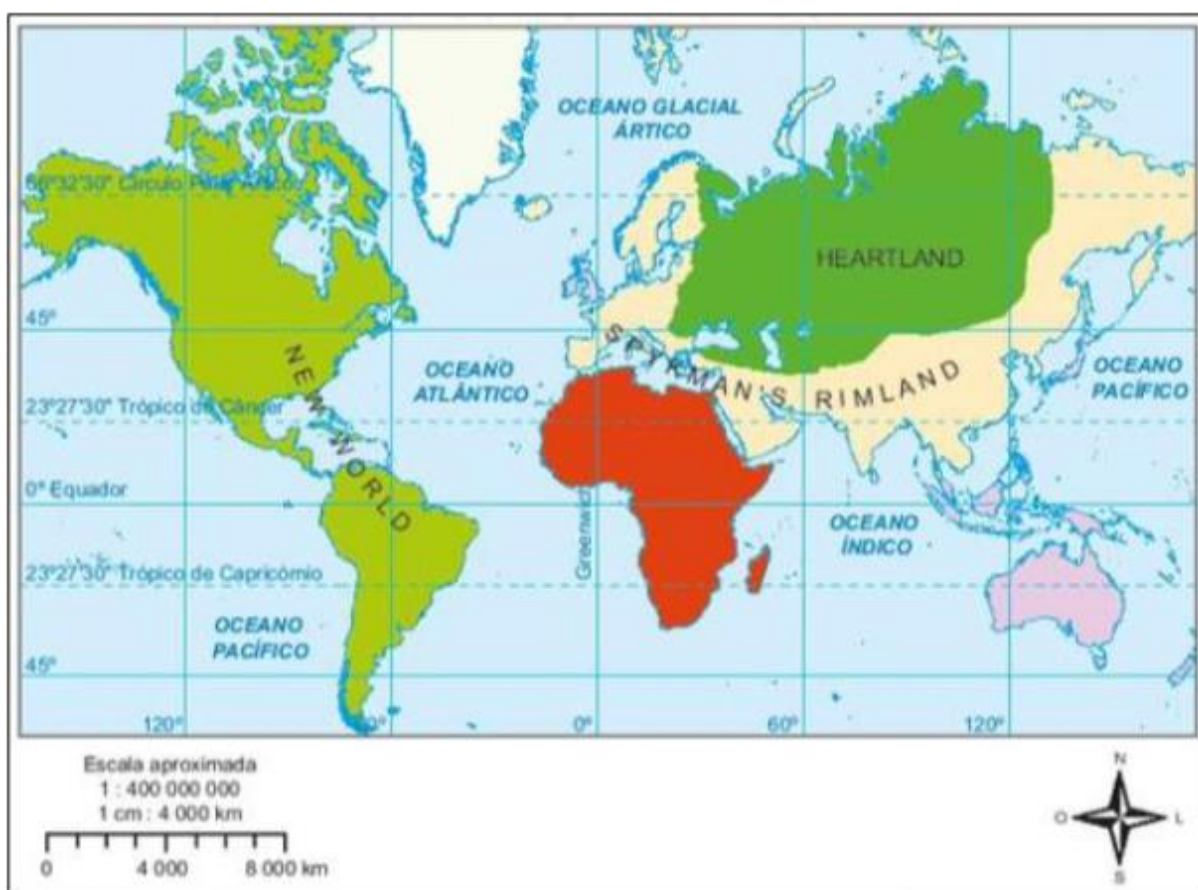
Dessa forma, os pressupostos de Mackinder se fazem presentes nas diversas ações do Estado russo para influenciar áreas ao se redor.

3.2.2 Teoria das Fímbrias

O professor holandês, naturalizado norte americano, Nicholas John Spykman apresentou como ponto principal de sua teoria, o domínio das bordas da Eurásia, a qual chamou de Rimland, cujo o seu domínio favoreceria o controle da Eurásia e por consequência do mundo (PEREIRA, 2017).

Para Spykman, a "área pivô" seria aquela constituída pelas bordas, pelas fímbrias ou margens da Eurásia, que chamou de "rimland". Essas terras funcionariam como "tampões", como um verdadeiro "cordão sanitário", evitando a expansão de quem dominasse a "área pivô" de Mackinder, ou seja, o "heartland", para controlar o restante da Eurásia. Para Spykman, quem dominasse as fímbrias ('rimland') é que estaria em condições de controlar a Eurásia e, conseqüentemente, o restante do mundo (MAFRA, 2023).

Figura 2 — O mundo segundo a Teoria do Rimland, de Nicholas Spykman.



Fonte: Freitas e Paz (2022).

Spykman foi o inventor da geopolítica americana. Ele sintetizou as bases geográficas regional e global da potência norte-americana. (BARACUHY, 2021).

Com base em Spykman, os Estados Unidos organizariam suas linhas de defesa em relação aos soviéticos. A 1ª linha de defesa situaria no outro lado do Atlântico em solo europeu e a 2ª linha estaria no Hemisfério Ocidental e região do Mediterrâneo. Para assegurar a manutenção de poder nestas áreas o governo norte-americano se valeria das alianças com organismo supranacionais como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (OTASE), e acordos com países do Oriente Médio, para assim fechar o cerco e dominar o Rimland (PEREIRA, 2017).

Uma tese não muito estapafúrdia pode ser a de que, devido à proximidade do bloco socialista ao Rimland, os EUA estrategicamente preconizaram todos os acordos e ações políticas, militares e econômicas das regiões fronteiriças com o bloco socialista. A aproximação dos EUA aos países europeus e

asiáticos seria uma tentativa de incorporar uma parte do Rimland à sua área de influência (MANTOVANI, 2011).

A disposição americana em conquistar áreas de influências ligou fortemente o alerta da Rússia. Seria preciso estabelecer diversas ações, em toda as expressões do poder nacional russo, para a reconquista das antigas áreas de influência.

3.2.3 O ENTORNO ESTRATÉGICO RUSSO

Após o fim da Guerra Fria em 1989, observou-se uma contração russa, manifestada na perda de sua influência no espaço geopolítico da antiga União Soviética, cuja fragmentação levou à formação de vários novos estados soberanos, que se tornaram fonte de atração e interesse para o Ocidente. Especificamente, três regiões instáveis exercem pressão geopolítica sobre a Rússia: 1) a região do Cáucaso, principalmente, as regiões separatistas do Azerbaijão e Armênia, Chechênia, Daguestão, Geórgia, Ossétia do Norte e do Sul; 2) Ásia Central e o Sul da Ásia, a mencionar seus vizinhos próximos: a China e a Índia, Cazaquistão, Turcomenistão, Quirguistão, Tadjiquistão; e 3) a região ocidental, com as ex-repúblicas soviéticas no Mar Báltico e países próximos da Europa Ocidental, como Ucrânia e Bielorrússia, e os antigos Estados membros do Pacto de Varsóvia no leste europeu (MORI; AGUILAR).

A Rússia mantém uma aliança com alguns países que pertenciam a ex-URSS, por meio do Tratado de Tashkent, também conhecida como Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), firmado em 1992 e ratificado em 2002 entre Rússia, Bielorrússia, Armênia, Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão. Em 2006, o Uzbequistão entrou para a organização. Entre outros objetivos, os signatários não podem participar de outras alianças militares, ou quaisquer outros grupos de estados; além disso, qualquer agressão contra um dos membros deve ser vista como uma agressão contra todos. Como objetivo secundário, a OTSC procura manter os laços entre antigas repúblicas soviéticas, principalmente frente ao avanço da influência dos países ocidentais (BELMONTE, 2016).

Segundo o mesmo autor, a Rússia participa de outras organizações com diversos países como Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Uzbequistão e China.

Sua finalidade é cooperar para a segurança da região, em especial, contra terrorismo, separatismo e extremismo.

Esses tratados são indicativos de uma política de defesa voltada para o controle e manutenção do espaço geográfico eurásiano (BELMONTE, 2016).

Como forma de balizar o referido trabalho utilizaremos a influência histórica da antiga Rússia nos espaços adjacentes ao seu território.

Nesse sentido, consideraremos como entorno estratégico russo as regiões apresentadas no artigo "A GUERRA ENTRE A RÚSSIA E A UCRÂNIA" por Julia Mori Aparecido e Sergio Luiz Cruz Aguilar ou seja: região do Cáucaso, Ásia Central, os países pertencentes ao leste europeu e países ex integrantes da antiga URSS. Além disso, complementaremos com a região do Ártico.

Figura 3 — Entorno estratégico russo



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

3.3 AS AÇÕES ESTRATÉGICAS RUSSAS NOS CAMPOS POLÍTICO E MILITAR

No ano de 2001 foi assinado pelo presidente Vladimir Putin e o líder chinês Jiang Zemin, o Tratado de Boa vizinhança, Amizade e Cooperação, visando uma parceria estratégica de 20 anos entre os dois países. As relações entre as duas

potências da região foram permeadas pelo fomento de concertos multilaterais para a promoção de interesses comuns, e a Ásia Central emerge como grande “fiel da balança” da relação entre os dois países. Neste contexto, surge em 2001 a Organização de Cooperação de Xangai (OCX). A OCX é uma entidade intergovernamental permanente, cuja criação foi anunciada em 15 de junho de 2001. Sua motivação inicial estava estritamente relacionada com o necessário tratamento político multilateral das questões securitárias da região, tendo como mote o combate aos ‘três males’ (separatismo, terrorismo e fundamentalismo). Já seu processo decisório, é governado por consenso, estruturado por dois órgãos permanentes: o Secretariado em Pequim e a Estrutura Regional Antiterrorista em Tashkent. Além disso, o Conselho de Chefes de Estado e o Conselho de Chefes de Governo se reúnem uma vez por ano para discutir a estratégia de cooperação multilateral da organização e suas áreas prioritárias de atuação. A organização é herdeira do antigo grupo dos Cinco de Xangai criado em 1996, atualmente é composta por nove membros (China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão, desde 2001; Índia e Paquistão a partir de 2017; e o Irã, a partir de 2021). Além disso, conta com três observadores (Afeganistão, Bielorrússia e Mongólia) e nove parceiros de diálogo (Azerbaijão, Armênia, Camboja, Nepal, Turquia, Sri Lanka, Arábia Saudita, Egito e Qatar) (PAUTASSO; NOGARA, 2021).

A OCX não se assume formalmente como uma aliança direcionada contra a primazia norte-americana, mas sim como uma tentativa de promoção das interligações regionais, descrita oficialmente como resultado do esforço regional de maior integração. No entanto, para além de constituir um mecanismo de controle dos seus próprios membros e observadores, a Organização também procura conter os Estados Unidos e o Ocidente (MENDES; FREIRE, 2008).

Dessa maneira, a Rússia vem aplicando efetivamente a teoria geopolítica da contenção (Spykman) para contrapor os movimentos americanos, e da OTAN em direção ao leste europeu.

No primeiro ano do governo de George W. Bush ocorreu os atentados terroristas às Torres Gêmeas em Nova York. Esse evento marcou as relações internacionais e as movimentações estratégicas de diversos países, como a Rússia.

As Nações Unidas, as lideranças da OTAN e os membros da União Europeia (UE) concordaram em desenvolver imediatamente políticas antiterroristas baseadas na cooperação internacional. O choque provocado pelos ataques criou um sentimento genuíno de insegurança coletiva. Após os ataques, gerou-se evidente solidariedade internacional para com os Estados Unidos e mobilizou-se amplo apoio político para derrubar o regime Talibã e destruir as bases da al-Qaeda no Afeganistão (PINTO, 2013).

Nesse contexto, Putin procurou se aproximar politicamente dos EUA e foi o primeiro líder nacional a telefonar pra o Presidente George W. Bush, após os atentados, ocasião que ofereceu sólida ajuda russa ao combate do terrorismo internacional. Essa aproximação política entre a Rússia e os EUA também resultou em importante apoio logístico à ofensiva no Afeganistão e uma permissão tácita para que fossem instaladas bases norte-americanas no Quirguistão e no Uzbequistão. Nos cálculos políticos do Kremlin, a inserção do poderio militar estadunidense nessa região seria compensada pela colaboração que essa presença daria na luta contra o avanço do islamismo radical nos Estados centro-asiáticos e no Cáucaso do Norte (PINTO, 2013).

Outra ação importante foi a objeção do governo russo à invasão do Iraque, em 2003, que não só refletia a opinião pública do país como do próprio projeto de desenvolvimento de uma nação segura que está em sua essência: na visão do Kremlin, a ameaça de um fenômeno atomizado em atores antiestatais – o “terrorismo” – não seria contido, mas sim exacerbado, pela derrubada de um governo relativamente previsível em um Estado estável, sobretudo um com tantos laços econômicos e financeiros com a Rússia (LAZZARI, 2011).

Neste período, a Rússia deu maior prioridade à sua política regional e intensificou suas respostas em relação as políticas americanas no oriente médio e na Ásia central, firmando acordos bi e multilaterais com sua antiga zona de influência (GALVÃO, 2018)

No início do século XXI, a UE incorporou novos países ao bloco como por exemplo a Estônia, Letônia e Lituânia, Polônia, Romênia e a Bulgária, alargando suas fronteiras e se aproximando de Moscou. Cabe destacar que esses países estavam dentro da zona de influência russa. A UE tem o interesse de aumentar sua presença no Mar Negro e interesses do desenvolvimento de uma política europeia no Leste, minando os interesses russo no Mar Negro e Cáucaso. Assim, a partir de 2003

ocorreram três revoluções eleitorais na região, mais especificamente na Geórgia, a Revolução das Rosas, na Ucrânia, Revolução Laranja e no Quirguistão, Revolução das Tulipas. Todos estes movimentos, consistiram na tentativa de contestar os governos vigentes (GALVÃO, 2018).

A revolução Laranja na Ucrânia, a Revolução Rosa na Geórgia (2003) e a das Tulipas no Quirguistão (2005) foram ações indiretas dos Estados Unidos por intermédio de Organizações Não Governamentais (ONG) que fomentaram grupos opositores durante os processos eleitorais nesses países. A intenção foi apoiar governos favoráveis aos ocidentais em detrimento dos pró-russos. A estratégia de dar suporte a governos favoráveis aos ocidentais é uma clara aplicação da técnica de contenção no entorno próximo russo (CAMARGO, 2018).

Diante das revoluções citadas o governo do Kremlin passou a adotar medidas mais duras para mitigar as instabilizações políticas, os movimentos separatistas e terroristas dessa região. E foi neste contexto que ocorreram ações militares russas à países de sua área de influência, como a Georgia e Ucrânia.

A “revolução rosa” georgiana inaugurou o processo. Em 2003, o desfecho de eleições tidas como fraudulentas causou indignação na população deste país, que assim depôs o então presidente Shevardnadze, sendo este sucedido por Mikhail Saakashvili. A evolução das relações com o novo presidente georgiano, um jurista formado nos Estados Unidos, país com o qual abertamente buscava uma aliança político-militar, apontava para um crescente afastamento da Rússia. Neste contexto, o apoio inicial do Kremlin ao novo governo não parecia ser correspondido, ficando aquele desiludido com a iniciativa de Saakashvili de fechar as bases militares russas no país (LAZZARI, 2011).

A Geórgia tem grande valor estratégico para os Estados Unidos dentro da contenção da área de influência russa, além de ser local geoestratégico para o oleoduto Nabucco e via alternativa para o petróleo da Arábia Saudita que não necessita passar pelo Estreito de Ormuz. Para a Rússia, o território georgiano é parte fundamental de sua Kultur², principalmente as regiões da Abkhásia e Ossétia do Sul.

²Kultur passa a significar o contrário de barbárie, ou seja, cultura.

Essas duas repúblicas autônomas, dentro da Geórgia, foi a motivação desse conflito (CAMARGO, 2018).

A Guerra na Geórgia, Guerra da Ossétia do Sul ou Guerra dos 5 Dias, conflito russo-georgiano em agosto de 2008, começou quando tropas georgianas invadiram de surpresa a capital Tsequinváli, da Ossétia do Sul, região que de fato era separada da Geórgia. Com a ajuda russa, que rapidamente tomou conta da situação, as tropas georgianas foram rapidamente rechaçadas do território. A Abecásia aproveitou a movimentação e entrou no conflito. Logo depois a Rússia, reconheceu as duas províncias como estados independentes e aproveitou a contenda para dar sinais de força e influência. O conflito também serviu para demonstrar o desejo russo de reconhecimento no sistema internacional e para expressão de suas capacidades nesta nova ordem (GALVÃO, 2018).

Com esta ação militar, Moscovo pretende travar o alargamento da NATO, fazer recuar a presença ocidental na área da CEI, e deixar um sinal de aviso às antigas repúblicas quanto ao seu poder, influência e capacidade de ação [...] a Rússia conseguiu com a intervenção na Geórgia ganhos em diferentes níveis: a nível local, com o enfraquecimento da república georgiana, uma dupla vitória face a um apoio ocidental que não se materializou como Tbilissi esperava; [...] regional, com Moscovo a reafirmar-se na área e a sublinhar o seu envolvimento em matérias de interesse estratégico; nível internacional, demonstrando que a política de contenção face ao Ocidente não é mera retórica (FREIRE, 2009).

Figura 4 — Áreas conflituosas na Geórgia



Fonte: Silva.

Por sua vez, a revolução ocorrida na Ucrânia, um ano depois, impactou a atitude do Kremlin de forma mais profunda ante as tendências políticas na região. Esta também fora originada por alegações de fraude eleitoral, mas aqui o confronto foi entre um candidato presidencial abertamente pró-russo, Yanukovich, que estaria sendo favorecido por esta fraude, e Yushenko, que adotava uma postura ostensivamente nacionalista, situando a Ucrânia não na “irmandade eslava” histórica com a Rússia e a Belarus, mas no ocidentalismo cosmopolita da União Europeia e dos EUA – refletindo a polaridade histórica entre o Leste do país, fortemente integrado à sociedade russa, e o Oeste católico e nacionalista. A cor que simbolizou a campanha de Yushenko, o laranja, fora adotado para designar a revolução que o levou ao poder. A polarização político-cultural do país extrapolou a questão regional das relações bilaterais Rússia-Ucrânia, culminando em mais uma ação militar russa (LAZZARI, 2011).

A importância da Ucrânia para a Rússia é que existe a Grande Planície Europeia, que se encontra desde o litoral ocidental da França até os Montes Urais na Rússia. Todo esse percurso pode ser facilmente percorrido sem ter

que cruzar fronteiras naturais tais como rios, montanhas ou desertos, facilitando assim a penetração no território russo (GALVÃO, 2018).

Um outro motivo dessa grande importância é o acesso ao Mar Negro (DIAS, 2015). Os portos da Rússia nesta região ficam muito tempo congelados. Dessa forma, o Porto de Sebastopol, na Península da Crimeia tem importância vital para os interesses russos. Única saída russa com águas quente todo o ano. Sem contar que a península tem uma posição estratégica para controle do Mar Negro e saída para o Mediterrâneo pelo estreito de Bósforo (GALVÃO, 2018).

Figura 5 — Criméia



Fonte: Instituto Internacional de Sociologia de Kiev (2017).

A reação de Putin contra a Ucrânia foi apoiar as regiões de maioria populacional russa dentro da Ucrânia (Figura 3), essa ação resultou na anexação da península da Crimeia, ocorrendo em 20 dias. Cronologicamente, foi no dia 27 de fevereiro de 2014 que o parlamento da Crimeia votou por um referendo sobre a independência e subsequente concordância a anexação pela Rússia. Em 18 de março, o parlamento russo (Duma) aprovou a anexação dessa República (CAMARGO, 2018).

Há grandes fatores estratégicos na integração da Crimeia ao território russo, obviamente existe a base da consolidação da Heartland, o estabelecimento do efetivo controle da Kultur russa. Não obstante há, também, uma geoestratégia envolvida, a consolidação do acesso ao Mar Negro e das reservas de hidrocarbonetos do próprio Mar Negro e Mar de Azov (CAMARGO, 2018).

Dessa forma, a percepção russa, assim como na Geórgia, era de que o Ocidente queria promover reformas em Kiev contrárias aos negócios russos e agenciar a aproximação ucraniana ao Ocidente. Moscou buscou agir rapidamente para garantir seus interesses na região, como no caso do ponto estratégico, o Porto de Sebastopol. Além disso, reverter as dinâmicas da aproximação da Ucrânia ao Ocidente para tentar consolidar o país na sua esfera de influência (GALVÃO, 2018).

Após a anexação da Criméia em 2014, houve uma revolta separatista na região oriental ucraniana de Donbass, que resultou na declaração das Repúblicas Populares de Lugansk e Donetsk, apoiadas e reconhecidas pela Rússia.

Donetsk é uma cidade localizada no leste da Ucrânia, acima do rio Kalmius. É considerada o centro industrial mais importante da região histórica de Donbass. Já Lugansk, também ao leste da Ucrânia, está entre o cruzamento dos rios Luhan e Ol'khivka. Assim como Donetsk, é um importante centro industrial desta parte do país e uma das maiores cidades ao leste, próxima à divisa com a Rússia. Tanto Donetsk como Lugansk são províncias pertencentes à região de Donbas ou Donbass, localizada no sudeste da Ucrânia, e que faz fronteira com a Rússia (ficando a menos de 800 quilômetros de Moscou). A região ocupa uma posição estratégica por ter acesso ao Mar Negro e, por consequência, dar escoamento para o Mar Mediterrâneo. A chamada bacia de Donbass é a mais importante fonte de energia e a maior região industrial da Ucrânia; é um local conhecido por suas riquezas minerais, principalmente ligadas à produção de carvão e aço. Por isso, a área abriga um grande parque siderúrgico, químico e metalúrgico (Conant, 2022).

Figura 6 — Lugansk e Donetsk



Fonte: Nikolskaya (2022).

O dilema de segurança sincrônico entre a Rússia e a Ucrânia não teve o seu princípio entre 2021 e 2022. Ele aparece como uma espiral de conflito em alguns contornos definidos em vários eventos que precedem o conflito bélico atual: na invasão russa à Crimeia em 2014; no governo de separatistas pró-russos na província de Donbass; no ingresso e apoio militar de países do Leste europeu (aliados da URSS na Guerra Fria) à Ucrânia; e nas pressões da própria OTAN sobre as fronteiras russas. O resultado foi a explosão de um conflito, em finais de fevereiro de 2022, com um ponto de intersecção de mútuos dilemas de segurança, que conduziram inevitavelmente à guerra (Lebelem; Villa, 2022).

A Guerra Rússia e Ucrânia iniciou-se em fevereiro de 2022. A “Operação Militar Especial”, assim definida por Vladimir Putin, está sendo o maior conflito em território europeu desde a Segunda Guerra Mundial. Antes mesmo do início da invasão, a União Europeia (UE) e os Estados Unidos já haviam imposto sanções a indivíduos e empresas russas como resposta ao reconhecimento da Independência das províncias ucranianas de Donetsk e Lugansk. Entretanto, apesar dessas medidas terem surtido efeito imediato, o governo de Vladimir Putin foi capaz de manejar e reequilibrar sua economia. Nesse contexto, a perspectiva difundida na Rússia é de que esse conflito consiste em um confronto por procuração com o Ocidente, especialmente a OTAN.

Além das sanções, o isolamento diplomático, como o banimento das Olimpíadas e da Copa do Mundo, e a restrição imposta ao ingresso de cidadãos russos em território da UE, contribuem com a narrativa russa de antagonismo ao Ocidente (Martins, 2023).

No que diz respeito às operações militares, o conflito passou por diversas fases com avanços e recuos dos dois lados. Na primeira fase, Moscou foi capaz de avançar a partir de bases próximas às fronteiras e conseguiu superioridade marítima no Mar Negro. Na segunda, as forças russas recuaram de Kiev e consolidaram seus avanços no Leste do país, enquanto a Ucrânia recebeu os primeiros pacotes de ajuda dos Estados Unidos. Na fase seguinte, o avanço russo no Leste da Ucrânia foi interrompido e a contraofensiva ucraniana teve o seu início. Atualmente, estamos na quarta fase do conflito, caracterizada pelo retorno de avanços militares russos e aumento da ajuda ocidental à Ucrânia (Martins, 2023).

Figura 7 — Fases da Guerra Rússia x Ucrânia

Um ano de invasão russa

Como controle militar da Ucrânia mudou ao longo da guerra

Fev 2022: Antes da invasão



Mar 2022: Rápido avanço russo



Out 2022: Ucrânia retoma áreas



Fev 2023: Situação atual



■ Controle militar russo

■ Mantido ou recuperado pela Ucrânia

▨ Controle militar russo limitado

□ Rússia anexou a Crimeia em 2014

■ Áreas de separatistas apoiados pela Rússia

Fonte: Hankin (2023).

Assim sendo, o conflito marca a atuação da Rússia para resgatar sua influência sob os países do leste europeu. De forma mais efetiva, os pressupostos de Mackinder

e Spykman continuam dominando a geopolítica russa para ascender mais uma vez ao protagonismo regional e mundial.

3.4 AS AÇÕES ESTRATÉGICAS RUSSAS NOS CAMPOS ECONÔMICO

A economia se constitui como um meio de execução da ordem do interesse político, um instrumento não de ação militar, nem de conquista territorial, mas de estratégia indireta (Camargo, 2018).

Com a efetivação de Putin na Presidência da Federação Russa, mediante sua eleição, o projeto econômico do país foi alterado. Considerando que Putin pertencia à corrente Realista, sua intenção, era construir uma economia sólida por meio da diversificação produtiva, para a qual havia dois tipos de políticas a serem implementadas. A primeira é com relação à centralização do governo, recorrendo à indicação de governança nas unidades federativas, e não mais escolhas locais. Isso se materializou como um bloqueio das elites econômicas em cooptar cargos regionais e em administrar regiões de interesse econômico. A segunda era sanar problemas conjunturais, como déficit público, inflação e qualidade do nível de vida da população. De modo geral, Putin focou em restabelecer o controle estatal sob os principais setores econômicos do país: energético, petrolífero, de gás, de armamentos e aeroespacial. Além, disso, tratou de subjugar as oligarquias e a corrupção fortemente enraizadas na burocracia do Estado (Camargo, 2018).

O governo Putin, por meio da Justiça, expropriou e/ou constrangeu os empresários privados que tinham se beneficiado ilegalmente das privatizações a vender suas participações em algumas empresas russas de grande porte nos setores estratégicos da economia russa. Assim, várias grandes empresas russas, pertencentes a esses setores estratégicos, voltaram a ser estatais e passaram a ser usadas ativamente como instrumentos de política econômica. Os exemplos de Gazprom (primeiro produtor de gás natural no mundo) e de Yukos (petróleo), mediante fusão com a empresa estatal Rosneft, em 2006, são os mais conhecidos, mas houve vários outros (Serrano; Mazat, 2017).

Em junho de 2011, as reservas mundiais de gás natural comprovadas totalizavam 187.1 trilhões de metros cúbicos (tmc) e, de acordo com a

companhia de gás russa, a Gazprom, as reservas do país totalizavam de 47,65 tmc. É inegável o grande poder que a Rússia tem ao deter tais reservas, sendo responsável, em 2010, por 20% da produção mundial, sendo a Gazprom a maior produtora no setor (Kessler, 2011).

O Sistema Unificado de Fornecimento de Gás Russo (SUFGR) é, atualmente, propriedade da Gazprom e conta com 159.000km de rede de transmissão, segundo a companhia em 2010, sendo o maior do mundo. Dados da Agência Russa de Energia (ARE), revelam que a distância média de transporte para o mercado interno é de cerca de 2.900km e de 3.322km para os países da Europa Ocidental, mostrando sua grande extensão, podendo transportar 168 bilhões de metros cúbicos (bmc) por ano. Aproximadamente 80% do gás que o país exporta para a Europa passam pela Ucrânia e os 20% restante por países da Europa Central, como Belarus, Polônia e Moldávia fazendo com que tais países tenham uma grande responsabilidade na transmissão do gás russo aos demais destinos da Europa (Kessler, 2011).

A dependência europeia do gás russo consiste na incapacidade energética dos países europeus produzirem este combustível em tempos de crise. Esta falta de autonomia foi visibilizada a partir de 2020, com a crise humanitária da covid-19 e os conflitos geopolíticos. Em 2021 a UE importou cerca de 155 bilhões de metros cúbicos de gás natural da Rússia, o equivalente a 40% do consumo total de gás da UE. As nações da Europa que mais fazem importação do gás produzido pela estatal russa Gazprom são: Alemanha, Itália, Áustria e França. Completam esta lista os países que consomem uma quantidade menor de gás, como Finlândia, Holanda, Dinamarca, Grécia e Bélgica. De acordo com a Agência Internacional de Energia, a Alemanha foi a maior importadora do gás russo em 2020 (42,6 bilhões de metros cúbicos), seguida pela Itália com 29,2 bilhões de metros cúbicos (Araújo, 2023).

O abastecimento da Europa por meio do gás russo ocorre através da rota chamada Nord Stream. Considerado um projeto prioritário para a rede energética dos países europeus, o Nord Stream apresenta-se como uma ferramenta fundamental ao suprimento de energia da Europa desde o ano 2000. Notavelmente, antes da construção do Nord Stream, nenhum país apresentou a capacidade de fornecer gás para o continente europeu por meio de tubos que atravessam 1224 quilômetros, saindo do gasoduto que vai da Rússia até a Alemanha. O Nord Stream 2 configura-se em um gasoduto que liga a região Oeste russa e a área Nordeste da Alemanha. Sua

tubulação passa sob o Mar Báltico e conta com 1200 quilômetros de extensão. Por meio de sua estrutura são transportados 55 bilhões de metros cúbicos de gás por ano. Assim, por meio dessa estrutura são direcionados à Europa anualmente 110 bilhões de metros cúbicos do fósil líquido. Em 26 de setembro de 2022, explosões danificaram três dos quatro dutos que compõem o Nord Stream 1 e 2, comprometendo severamente o fornecimento de gás para a Europa por meio desses gasodutos (ainda existem outros gasodutos que ligam Rússia à Europa). As causas das explosões ainda não foram identificadas (outubro/2022) (Araújo, 2023).

Figura 8 — Nord Stream 1 e 2



Fonte: Rodrigues (2022).

O grande crescimento do mercado interno, o aumento da utilização da capacidade instalada e a recuperação do investimento do governo e das empresas estatais fizeram com que a taxa de investimento da economia começasse a aumentar a partir de 2000 (Serrano; Mazat, 2017).

A União Econômica Eurasiática (UEE) é uma organização regional voltada à integração econômica. É formada pela Federação Russa e pelas Repúblicas da Armênia, da Bielorrússia, do Cazaquistão e do Quirguizistão. O bloco tem como objetivo principal estreitar a cooperação econômica entre os Estados-membros, a fim

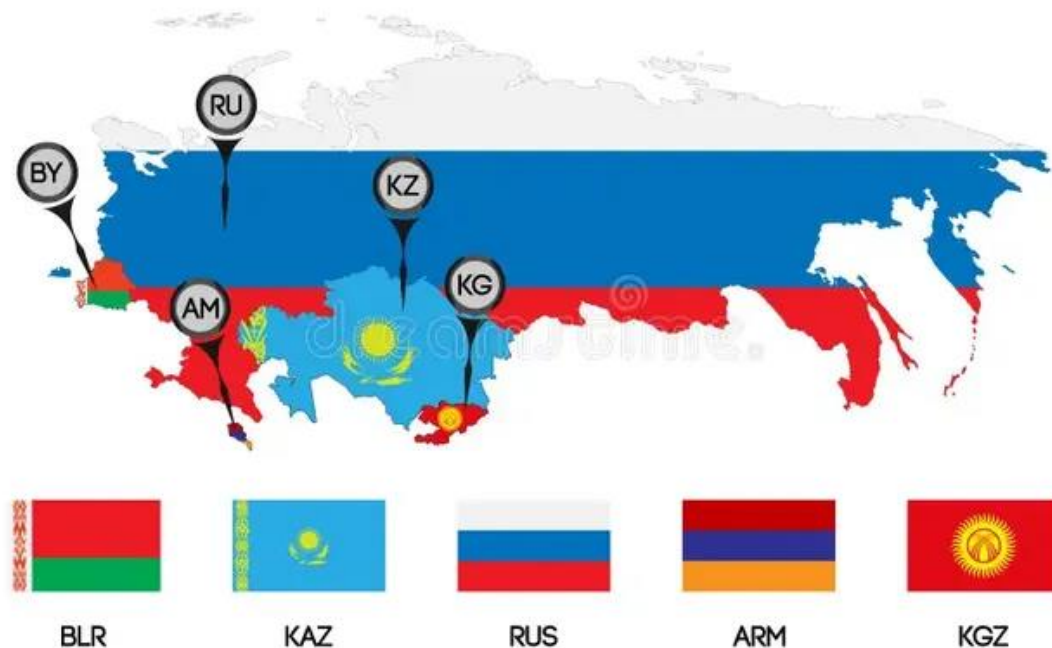
de modernizar suas economias nacionais, aumentar sua competitividade global e promover o bem-estar da população da região. A criação da UEE foi um passo significativo no desenvolvimento do regionalismo no espaço pós-soviético, sendo a União fruto de sucessivas tentativas de integração entre países da Europa Oriental e da Ásia Central (Ferreira, 2020).

Para a Rússia, a criação da UEE não é tanto um projeto econômico, mas sim uma abordagem geopolítica que visa consolidar seu papel de líder. Moscou está preocupada com o fortalecimento da sua posição na região pós-soviética, onde o restabelecimento das esferas de influência entrou em uma fase mais ativa. Quatro países estão envolvidos neste processo: Rússia, Turquia, China e EUA. A Rússia quer fortalecer sua posição neste processo em dois blocos regionais: a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO) e a UEE, que não se destinam a atuar como contrapesos para os EUA, mas sim para a Turquia e a China (Satpayev, 2015).

Essa perspectiva consolida a Rússia em um grupo internacional de desenvolvimento econômico conjunto, atuando também em ações mais belicosas, algumas já executadas em investidas na Geórgia e Ucrânia, que impactaram significativamente na estrutura da segurança regional. Os temores mackinderianos de uma União do Heartland pareciam se materializar novamente, agora na forma da União Econômica Eurasiática, com alta relevância no processo geopolítico russo (Camargo, 2020).

Portanto, a UEE pode ser encarada como uma manobra geopolítica preventiva, na forma de evitar a repartição do centro eurasiático entre a Turquia e a China, trazendo e reforçando a retórica dos laços passados soviéticos comuns. Contudo, esse grupo supranacional apresenta um indicativo positivo a seus participantes, evocando um princípio de homogeneização, construindo padrões sociais e econômicos mais equivalentes entre os participantes, também importantes para a Rússia como fator geopolítico, onde o fortalecimento da Heartland tornaria o Estado controlador mais capaz de exercer seu poder na esfera mundial (Camargo, 2020).

Figura 9 — EEU



Fonte: Staysail.

Um outro aspecto importante são as pretensões da Rússia sobre o Ártico. Em junho de 2020, o governo russo aprovou a nova estratégia energética do Ministério de Energia intitulada “A Estratégia Energética da Federação Russa para o Período até 2035” (doravante “Estratégia Energética 2035”). O esgotamento dos campos de petróleo e gás da Sibéria Ocidental obrigou a Rússia a recorrer às suas reservas do Ártico para aumentar os volumes de exportação, e a Estratégia Energética 2035 enfatiza a importância de desenvolver o norte inexplorado da Rússia. Embora o documento reconheça os problemas enfrentados pelo setor de hidrocarbonetos da Rússia, ele projeta que os combustíveis fósseis continuarão a dominar os mercados de energia pelos próximos quinze anos e reafirma as ambições do Estado de prolongar a vida útil do modelo econômico baseado em rendas de hidrocarbonetos que predomina há décadas. Para esse fim, a Estratégia Energética 2035 estabelece a meta de manter a produção de petróleo em 490 a 555 milhões de toneladas por ano. Além disso, atenção especial será dada à produção de GNL, com uma meta de 80 a 140 milhões de toneladas métricas por ano até 2035, definida para atender à projeção de aumento da demanda global. (Murray; Keifer, 2022).

4 CONCLUSÃO

As ações estratégicas da Rússia no seu entorno geopolítico, a partir do século XXI, têm delineado uma narrativa complexa e multifacetada que abrange diversas áreas, desde o âmbito político, militar até o econômico, refletindo a busca contínua do país por manter e consolidar sua influência na região eurasiática.

No cenário político do século XXI, as ações estratégicas russas em seu entorno têm sido profundamente influenciadas pela teoria geopolítica do poder terrestre, buscando consolidar e expandir sua influência na euroasiática. Através da Organização para a Cooperação de Xangai, a Rússia reforça seu papel como ator chave na manutenção da estabilidade na região, priorizando sua vizinhança imediata e salvaguardando seus interesses políticos e de segurança. O uso habilidoso dessa abordagem geopolítica, permitiu à Rússia desempenhar um papel de destaque no equilíbrio de poder na Eurásia. Como resultado, a influência do país na região tem se mantido sólida, moldando dinâmicas políticas com pressupostos do geopolítico Spykman para realizar a contenção face ao Ocidente.

A Rússia demonstrou uma postura assertiva ao se posicionar como ator relevante em questões globais, como a luta contra o terrorismo. Sua colaboração com os Estados Unidos em algumas iniciativas de combate ao terror revelou uma diplomacia pragmática, buscando garantir sua posição de liderança nas discussões internacionais. Além disso, a Rússia ampliou sua influência e demonstrou sua capacidade de se posicionar como uma nação-chave na configuração da segurança euroasiática. Dessa forma, a Rússia permanece como um elemento central na política regional e na dinâmica global, ressaltando sua influência duradoura na região euroasiática.

As ações estratégicas russas na Ossétia do Sul e na Abecásia, refletiram a aplicação eficaz da teoria geopolítica do poder terrestre e das fímbrias. A Rússia demonstrou sua habilidade em aproveitar essas regiões periféricas para reforçar sua influência política e segurança na região. A intervenção nestas áreas sensíveis não apenas consolidou o controle russo, mas também evidenciou claramente a busca pela contenção das ações da Otan e UE na região, ilustrando a capacidade do país de moldar dinâmicas geopolíticas em seu benefício. Assim, ao traçar estratégias que

capitalizaram sua proximidade geográfica e aplicarem teorias geopolíticas, a Rússia fortaleceu sua posição como um ator de destaque no xadrez geopolítico euroasiático, reafirmando sua influência na região.

Ao apoiar as regiões de Lugansk e Donetsk, a Rússia empregou uma abordagem coerente com a teoria geopolítica do poder terrestre, alinhando-se com sua tradição estratégica de garantir um controle sólido sobre áreas periféricas e fronteiriças. Nesse contexto, a Rússia reconheceu a importância dessas regiões em termos de proximidade geográfica e influência cultural, visando estabelecer uma presença estratégica que fortalecesse sua influência política e segurança. Ao aplicar os princípios da teoria do poder terrestre, a Rússia assegurou a consolidação de seu controle nessas fímbrias, contribuindo para a manutenção de um ambiente geopolítico favorável aos seus interesses.

A anexação da Crimeia, em 2014, foi uma das ações mais contundente das estratégias militares russas em seu entorno desde o início do século XXI. Através desta ação, a Rússia não apenas consolidou seu controle sobre uma região estrategicamente significativa, mas também exibiu de maneira audaciosa a aplicação da teoria geopolítica do poder terrestre. Ao aproveitar sua geografia e focar em áreas estratégicas, a Rússia demonstrou sua capacidade de influenciar a dinâmica geopolítica e seu compromisso com a manutenção de zonas de influência.

A invasão da Ucrânia em fevereiro de 2022 pela Rússia pode ser interpretada à luz da teoria do poder terrestre e da estratégia de contenção. Ao aplicar a lógica do poder terrestre, a Rússia busca controlar regiões fronteiriças e periféricas como parte de sua busca por segurança e influência regional. A invasão, nesse sentido, demonstra a aplicação prática dessa abordagem, ao almejar a consolidação de sua posição estratégica através do domínio territorial. Além disso, a invasão pode ser vista como uma forma de contenção, onde a Rússia busca limitar a expansão de influência ocidental na região, reforçando seu próprio domínio e presença. Desse modo, as ações russas ecoam sua importância como um ator crucial na configuração geopolítica da Eurásia, sinalizando sua proeminência na política e segurança regional.

No âmbito econômico, as ações estratégicas russas no século XXI, em particular a criação de uma dependência europeia de gás natural fornecido pela Gazprom, evidencia a aplicação da teoria geopolítica das fímbrias, uma vez que a Rússia exerce uma influência significativa sobre a economia europeia por meio da

manipulação do fornecimento de gás. Ao usar os recursos naturais como ferramenta de influência, a Rússia consolidou sua posição como um ator importante na região euroasiática.

As ações estratégicas russas na criação da União Econômica Eurasiática refletem a aplicação pragmática da teoria geopolítica do poder terrestre e das fímbrias. Através dessa iniciativa, a Rússia busca consolidar uma zona econômica unificada entre seus vizinhos, reforçando sua influência econômica na região. Essa abordagem ecoa a lógica do poder terrestre, permitindo à Rússia controlar e direcionar a dinâmica econômica dentro de seu entorno estratégico. A UEE também explora as fímbrias ao estabelecer uma rede de interdependência que reforça a coesão e a influência russa sobre os Estados membros. Dessa maneira, a Rússia se projeta como uma potência econômica regional, demonstrando sua capacidade de moldar as direções econômicas da Eurásia

A exploração do Ártico também emergiu como um domínio crucial para a Rússia, à medida que a região se torna mais acessível devido às mudanças climáticas, permitindo ao país expandir seus interesses e explorar recursos na área. Essa abordagem ressoa com a lógica do poder terrestre, e permite à Rússia estender sua esfera de influência a um território rico em recursos naturais e rotas de navegação. Além disso, a exploração das fímbrias se evidencia na capacidade russa de controlar pontos de acesso cruciais e exercer influência sobre outras nações árticas, fortalecendo sua influência na região.

Essas ações estratégicas da Rússia ecoam a teoria geopolítica do poder terrestre e da contenção, que enfatiza a importância do controle de vastas extensões de território e locais com importância estratégica para garantir a segurança e a influência em âmbito regional e afastar pretensões de países ocidentais como os EUA em locais considerados sob a esfera de influência russa.

Por fim, a Rússia tem sido um ator dinâmico no cenário internacional, utilizando uma combinação de estratégias políticas, militares e econômicas para consolidar sua influência na região eurasiática. Suas ações moldaram o equilíbrio de poder na região e continuarão a desempenhar um papel significativo nas dinâmicas geopolíticas e econômicas no futuro. A história mostra mais uma vez que acontecimentos com grande relevância são precedidos por ações estratégicas pragmáticas com o propósito de assegurar territórios e povos. "A história deixa pegadas"!

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, FELIPE. **A Dependência Europeia do Gás Russo**. Infoescola. 2023. Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/a-dependencia-europeia-do-gas-russo/>. Acesso em: 26 set. 2023.

ASSIS, JOSÉ. **A TEORIA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA DE MACKINDER VALIDADA PELAS AÇÕES E ACONTECIMENTOS ENVOLVENDO A RÚSSIA NA ATUALIDADE**. Rio de Janeiro, 2008 Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores) - Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2008.

BARACUHY, Braz (Org.). **OS FUNDAMENTOS DA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA**: MAHAN, MACKINDER, SPYKMAN ISBN 978-65-87083-88-9 9 786587 083889 > Braz Baracuchy (Organizador) OS FUNDAMENTOS DA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA: MAHAN, MACKINDER, SPYK. Brasília, DF, 2021.

BELMONTE, Giancarlo. O ressurgimento do Grande Urso. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, 2016.

BRASIL de Fato. Rio Grande do Sul, ano 2021, 5 out. 2021.

CAMARGO, FELIPE. **A GEOPOLÍTICA DA RÚSSIA NOS GOVERNOS DE VLADIMIR PUTIN: AS AÇÕES ECONÔMICO-POLÍTICO-MILITARES E A TEORIA NEO-EURASIANA**. Rio Claro – SP, 2018 Dissertação (Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro – SP, 2018.

CAMARGO, FELIPE. O objetivo geopolítico russo na União Econômica Eurasiática. **Revista de Geopolítica**, Rio Claro, 2020.

COELHO, Beatriz. **Citação direta**: diferença entre citação curta e citação longa nas normas da ABNT. Blog Mettzer. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/citacao-direta-curta-longa/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

COELHO, Beatriz. **Conclusão de trabalho**: : um guia completo de como fazer em 5 passos. Blog Mettzer. Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/conclusao-de-trabalho/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

COELHO, Beatriz. **Introdução**: aprenda como fazer para seu trabalho acadêmico. Blog Mettzer. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/introducao-tcc/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

CONANT, Eve. **Rússia e Ucrânia**: a complicada história que conecta (e divide) os dois países. National Geographic. 2022. Disponível em:

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/02/russia-e-ucrania-a-complicada-historia-que-conecta-e-divide-os-dois-paises>. Acesso em: 26 set. 2023.

COSTA, Wanderley. **O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia: a Geopolítica da nova Ordem Mundial**. Revista franco-brasileira de geografia. 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/10551>. Acesso em: 21 mai. 2023.

DMITRUK, Hilda Beatriz (Org.). **Cadernos metodológicos: diretrizes da metodologia científica**. 5 ed. Chapecó: Argos, 2001. 123 p.

EXAME. **O que significa o corte de gás russo para a Europa?** Exame. 2022. Disponível em: <https://exame.com/economia/o-que-significa-o-corte-de-gas-russo-para-a-europa/>. Acesso em: 26 set. 2023.

FERREIRA, Letícia. **A União Econômica Eurasiática e a Covid-19: efeitos das crises pandêmica e econômica global sobre a Eurásia**. Cadernos de Regionalismo ODR. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://observatorio.repri.org/wp-content/uploads/2020/11/Dossi%C3%AA-2020-Pt-2020-11-26-dragged-9.pdf>. Acesso em: 26 set. 2023.

FREIRE, Maria. **A política externa em transição: o caso da Federação Russa**. Instituto Português de relações Internacionais. Lisboa, 2009. Disponível em: https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992009000300005?script=sci_arttext&pid=S1645-91992009000300005#a1. Acesso em: 26 set. 2023.

FREITAS, Guilherme; PAZ, Otacílio. **O RESGATE DA TEORIA DO HEARTLAND DE MACKINDER NO ENTENDIMENTO DO CONFLITO RUSSO-UCRANIANO**. Curitiba, 2022 Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia) - Centro Universitário Internacional.

GALVÃO, Genildo. **RÚSSIA, EM BUSCA DE SEU ESPAÇO NO NOVO CONTEXTO INTERNACIONAL: Importância histórica da Rússia no século XX, implantação de um sistema socialista real e URSS e contexto inédito na história**. Brasil Escola. 2018. 27 p. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/geografia/russia-busca-seu-espaco-no-novo-contexto-internacional.htm>. Acesso em: 1 jul. 2023.

HANKIN, Lorna. **Guerra da Ucrânia: em gráficos, como conflito mudou desde o início há um ano**. BBC News Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c727110nqrqo>. Acesso em: 26 set. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Entorno estratégico da Rússia**. <https://www.ibge.gov.br/>. Disponível em: <https://atlascolar.ibge.gov.br/mapas-atlas/mapas-do-mundo/divisoes-politicas-e-regionais>. Acesso em: 26 mai. 2023.

INSTITUTO INTERNACIONAL DE SOCIOLOGIA DE KIEV. **Crise na Criméia**. Monografia Brasil escola. 2017. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/geografia/russia-busca-seu-espaco-no-novo-contexto-internacional.htm>. Acesso em: 26 set. 2023.

KESSLER, Luiz. **O MERCADO DE GÁS RUSSO-EUROPEU: DETERMINANTES E PERSPECTIVAS**. RIO DE JANEIRO, 2011 Trabalho de Conclusão de Curso (ECONOMIA) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RIO DE JANEIRO.

LAZZARI, Tiago. A POLÍTICA EXTERNA RUSSA DO INÍCIO DO SÉCULO XXI: TENDENCIAS E PERSPECTIVAS. **Revista Conjuntura Austral**, Porto Alegre - RS, v. 2, n. 34, 2011.

LEBELEM, Cristiane; VILLA, Rafael. A guerra russo-ucraniana: impactos sobre a segurança regional e internacional. **CEBRI**, 13 Ago 2022.

MAFRA, Roberto. **Geopolítica**: Introdução ao estudo. 2023. (Repertório de conhecimento de Geopolítica da ECEME).

MANTOVANI, Rafael. Geopolítica como Ação Racional com Relação a Meios e Fins; Nacionalismo como Relação Afetiva. **Revista do Departamento de Geografia, USP**, São paulo, v. 21, 2011.

MARCU, Silvia. La geopolítica de la Rusia postsoviética: desintegración, renacimiento de una potencia y nuevas corrientes de pensamiento geopolítico. **Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais**, Barcelona, v. 11, dez 2007.

MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da geografia**: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global. Editora Schwarcz - Companhia das Letras, v. 3, f. 138, 2018. 276 p.

MARTINS, Pedro (Coord.). EDIÇÃO ESPECIAL MAR NEGRO: 1 ANO DO CONFLITO RUSSO-UCRANIANO. **BOLETIM GEOCORRENTE**, Rio de Janeiro, 23 Fev 2023.

MENDES, Carmen; FREIRE, Maria. A Organização de Cooperação de Xangai como Instrumento Geopolítico Sino-Russo na Ásia Central. **Geopolítica**, Portugal, 2008.

MORI, Julia; AGUILAR, Sergio. **A GUERRA ENTRE A RÚSSIA E A UCRÂNIA**. <https://www2.unesp.br/>. Marília/SP. 19 p. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/v.-9-n.-1fev.-2022.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2023.

MURRAY, Philip; KEIFER, Daniel. A Aposta da Rússia na China: Implicações Estratégicas de uma Economia Energética Sino-Russa. **MILITARY REVIEW**, 2022.

NIKOLSKAYA, Polina. **Tanques são vistos em Donetsk após Putin reconhecer regiões separatistas**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/tanques-sao-vistos-em-donetsk-apos-putin-reconhecer-regioes-separatistas/>. Acesso em: 26 set. 2023.

PAUTASSO, Diego; NOGARA, Tiago. **Duas décadas da Organização para Cooperação de Xangai**. Brasil de Fato. Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2021/10/05/artigo-duas-decadas-da-organizacao-para-cooperacao-de-xangai>. Acesso em: 24 jul. 2023.

PEREIRA, Ricardo. **O tabuleiro geopolítico pós conflito da Criméia de 2014**. Rio de Janeiro, 2017 Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Comando e Estado Maior) - Escola de Comando e Estado Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2017.

PINTO, Thiago. **Combate ao Terrorismo Internacional: uma perspectiva comparada entre os Estados Unidos da América e a Federação Russa**. BRASÍLIA, 2013 Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais) - Universidade de Brasília, BRASÍLIA, 2013.

RODRIGUES, João. **Rússia-Ucrânia: o que é o Nord Stream 2 e porque é que importa?** CNN Portugal. 2022. Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/gazprom/vladimir-putin/russia-ucrania-o-que-e-o-nord-stream-2-e-porque-e-que-importa-portugal-pode-ser-afetado/20290729/62150d540cf21a10a420f664>. Acesso em: 26 set. 2023.

ROSA, Caroline. **A geoestratégia de reinserção da Rússia pós-soviética: entre o ocidentalismo e o neoeurasianismo**. 2022 Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais), 2022.

SATPAYEV, Dossym. **Kazakhstan: Economic Integration Without Relinquishing Sovereignty**. 2015. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/id-moe/11181.pdf>. Acesso em: 26 set. 2023.

SEGRILLO, Angelo. **Os Russos**. Editora Contexto, v. 3, f. 208, 2013. 415 p.

SERRANO, Franklin; MAZAT, Numa. A MACROECONOMIA DA FEDERAÇÃO RUSSA: DO TRATAMENTO DE CHOQUE À RECUPERAÇÃO NACIONALISTA – UMA INTERPRETAÇÃO HETERODOXA. **Revista tempo do mundo**, Rio de Janeiro, Jan 2017.

SILVA, Richard. **Ficheiro:Georgia, Ossetia, Russia and Abkhazia**. Wikipédia. Disponível em:

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Georgia,_Ossetia,_Russia_and_Abkhazia_%28pt%29.svg. Acesso em: 26 set. 2023.

STAYSAIL. **Território Da União Econômica Eurasiática No Mapa Mundial**

Ilustração Stock - Ilustração de econômico. Dreamstime.com. Disponível em:

<https://pt.dreamstime.com/territ%C3%B3rio-da-uni%C3%A3o-econ%C3%B4mica-eurasi%C3%A1tica-no-mapa-mundial-pa%C3%ADses-membros-europeia-bandeiras-com-fronteiras-nacionais-eaeu-eeu-image164679793>. Acesso em: 26 set. 2023.